



PUCPR  
GRUPO MARISTA

---

Problemas éticos contemporâneos  
**A CRISE AMBIENTAL**

## **CRÉDITOS**

**Diretoria de Tecnologias Educacionais**  
Luiz Alberto Vivan

**Coordenadoria de Educação a Distância**  
Lilia Maria Marques Siqueira

**Coordenadoria de Tecnologias Aplicadas a Educação**  
Claude René Tarrit

**Coordenadoria de Projetos de Tecnologias Educacionais**  
Juliana Stahlke

**Coordenação do Núcleo de Educação**  
Elizete Lucia Moreira Matos

**Coordenação do Curso**  
Fabiane Lopes

**Professor Autor**  
Jelson Oliveira

**Design Instrucional**  
Ana Aparecida da Cruz, Amanda de Sena, Danieli Valle

**Ilustração**  
Filipe Teixeira

**Revisão Ortográfica**  
Andrea Bittencourt

**Fotos**  
Centros Sociais da Rede Marista de Solidariedade  
Office Online  
Panthermedia.net  
Wikipedia.org

# A CRISE DA ÉTICA CONTEMPORÂNEA

## A Crise da Ética Contemporânea



*Como sabemos, o século XVIII foi o século das luzes, ou seja...*



*... o século da racionalidade e da ciência, do projeto iluminista, que pretendia melhorar o mundo e os homens...*



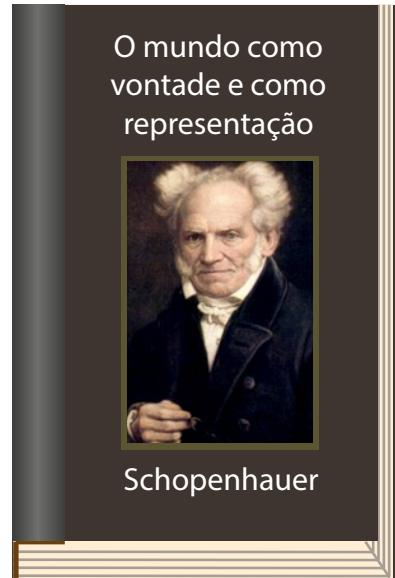
*... o século da educação, uma vez que se acreditava que levar um indivíduo ao letramento significava garantir-lhe o acesso aos bens culturais e morais que poderiam colaborar para que ele fosse “humanizado”.*

*Foi o século das revoluções, das quais se destaca a Revolução Francesa, que prometeu espalhar liberdade, igualdade e fraternidade ao redor do mundo.*



Boa parte do século seguinte (século XIX) se amparou nessa mesma crença, mas não demorou a surgirem movimentos de decepção e de crítica a esse modelo melhorista pretendido pelo Iluminismo. Poderíamos dizer que os últimos 30 anos do século XIX foram de um profundo sentimento de frustração e cansaço, tanto na filosofia quanto na literatura. Os principais títulos de obras publicadas nesse período dão conta desse sentimento. Lembremos alguns, de forma ilustrativa:

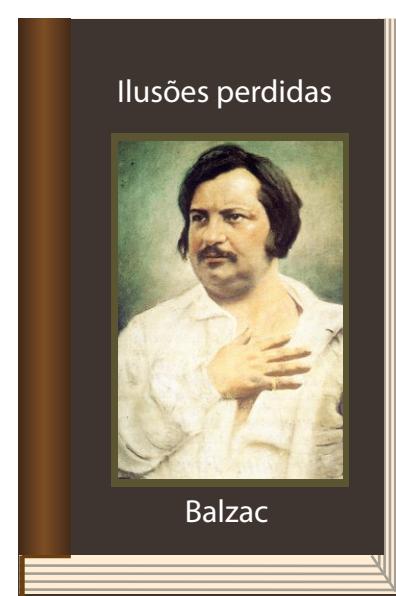
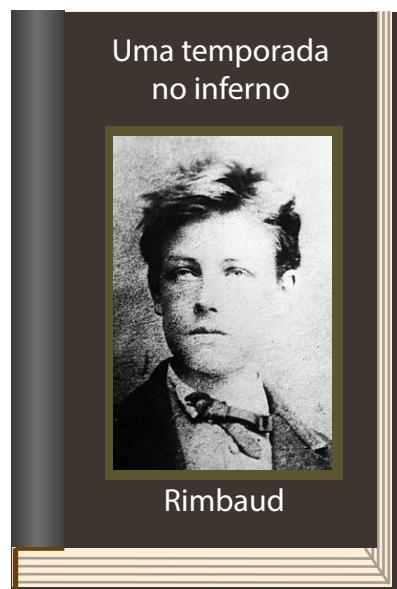
Schopenhauer, o filósofo mais pessimista de todos, escreveu:



Kafka escreveu os marcantes:



Mudou a história da poesia com:



Há tantos mais... e o tom principal dessas obras é o anti-iluminismo. Repare que todos os títulos fazem referência não à luz, mas à escuridão; todos contêm um sentido antiplatônico: se Platão sugeriu uma saída da caverna (lugar da escuridão e, portanto, da ignorância) em direção à luz (símbolo do conhecimento), esses autores sentem-se novamente na caverna; aliás, chegam a propor uma volta à caverna como modo de conhecimento e interesse pelas coisas **humanas, demasiado humanas**, como nos propõe o título de outra obra de Nietzsche: *Humano, demasiado humano*. Em outro de seus livros, *Assim falou Zarathustra*, o autor é explícito a esse respeito: Zarathustra, o profeta do Sol, vive dez anos em cima de uma montanha (lugar do conhecimento, do autoconhecimento, da proximidade com Deus, da plenitude da luz) e conclui que está cheio de luz, esbanjando luminosidade; por isso, volta para a praça do mercado (símbolo da caverna, da ignorância do senso comum, da podridão da vida, das moscas-varejeiras que habitam a nojeira da existência) e aí traz a notícia enlouquecedora que faz da filosofia de Nietzsche talvez o maior diagnóstico do desânimo e da doença

da nossa sociedade, ou seja, o fim dos grandes fundamentos, a crise dos valores vigentes até então, a crítica à racionalidade e aos ideais que nela estavam amparados e a perda do sentido da vida. Se Schopenhauer foi o filósofo do pessimismo, Nietzsche foi o pensador do **niilismo**.



## Glossário

### Nihilismo

Significa nada, ou seja, a posição de que nada mais tem sentido, de que tudo foi e será sempre em vão, quando se trata de construir ideais para a vida.

Friedrich Nietzsche, com isso, levantou as mais duras críticas ao modelo da ética ocidental. A falta de um modelo ético único no mundo atual e a crise de valores vivida pela nossa sociedade são, segundo ele, uma crise de sentido da própria vida. Com esse autor, começamos a entender que ocorreu uma neutralização metafísica da própria imagem do homem, uma vez que ele quis romper com os antigos valores, reivindicando para si mesmo uma liberdade que tudo pode e que conduziu à crítica das grandes instituições da cultura ocidental, que eram responsáveis pela garantia da imagem do homem e do mundo que queríamos construir. Tais instituições forneciam ao homem os fundamentos morais do certo e do errado. Sua crise é a crise dos valores, asso-

ciada muitas vezes ao relativismo ou mesmo ao perspectivismo que marca a sociedade pós-moderna.

São cinco essas grandes instituições culturais responsáveis pela reprodução da modernidade: o Estado, a Igreja, o emprego, a família e a escola, as quais sempre nos ampararam quando se trata de pensar o que devemos fazer e o que não podemos fazer. Cada uma delas, do ponto de vista moral, guarda uma autoridade parental que, curiosamente, começa com a letra "P". Por isso, ao falarmos da crise ética, falamos também da crise da autoridade parental, ou seja, daqueles personagens que se fazem, culturalmente falando, os guardiões da moral:

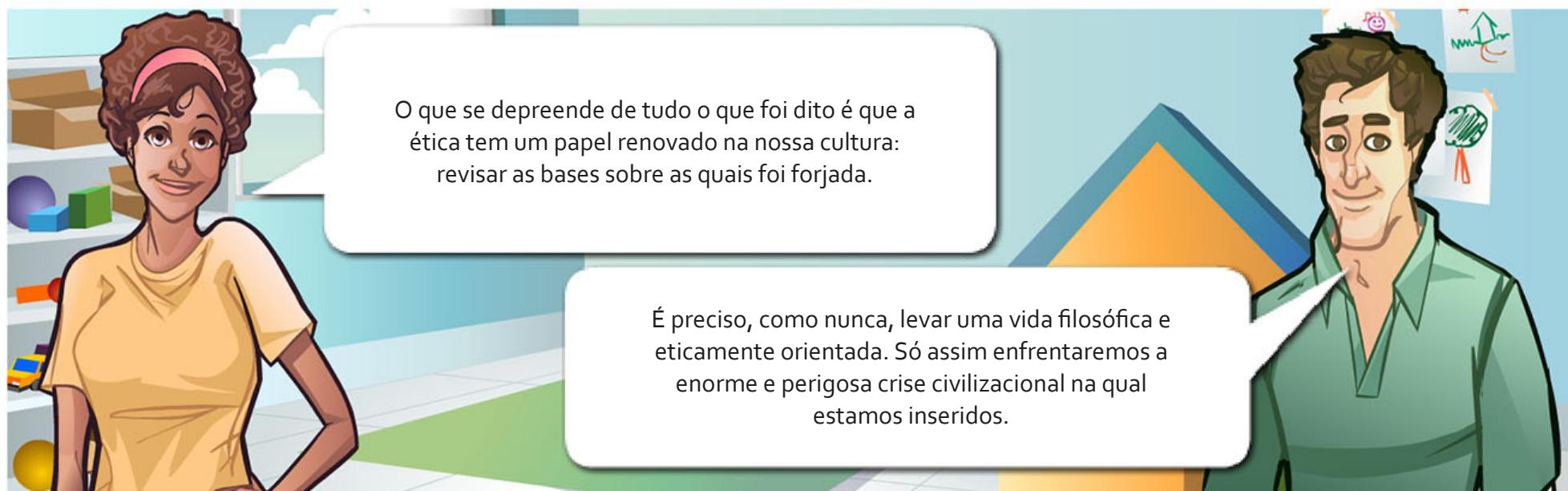


Todas essas instituições, com suas autoridades parentais, vêm sendo questionadas hoje em dia, colocadas em xeque, muitas vezes até desacreditadas. É verdade que não queremos voltar ao tempo das autoridades centrais, dos autoritarismos e até das ditaduras; ocorre que o nosso tempo exige uma retomada dessas lideranças, não a partir do centralismo do poder, mas da circularidade democrática, da autoridade positiva e construtiva, que, em vez de impedir o desenvolvimento dos demais indivíduos, lhes indica o bom caminho. Não é o que se espera de um bom líder? Em vez disso, muitas vezes, diante da crise dessas autoridades, a sociedade recorre à autoridade policial, ou seja, à autoridade da força, que é bem pouco educativa quando usada em substituição às demais autoridades. Nossa Estado, por exemplo, é militarizado, porque as demais autoridades não funcionam como deveriam. Outro exemplo é a escola; muitas vezes, diante da falência das suas autoridades, chama-se a patrulha, que é a única força coercitiva capaz de "impor a ordem" quando o diálogo já não funciona.

#### Para Refletir

Certo? Errado? Talvez seja difícil estabelecer os limites capazes de avaliar as atitudes mais corretas na hora de enfrentar as situações morais nas quais estamos inseridos. Precisamos, entretanto, tomar consciência dessa crise, até porque, do contrário, poderíamos achar que a crise da escola, por exemplo, é culpa da escola. Trata-se de um problema bem mais amplo que deve ser analisado sob um prisma bem maior.

Podemos dizer, por fim, que a civilização gerou, a partir dessas crises, muitas doenças civilizatórias, que se notam pelo clima terapêutico que toma conta de vários âmbitos da sociedade e que revela a busca pela felicidade e pelo sentido da vida, em pequenos frascos de energéticos, em livros de autoajuda, em espetáculos religiosos muito atraentes do ponto de vista da cura e, pior, nas alegrias cotidianas associadas ao consumo. Isso porque a tecnologia nos fez promessas utópicas por meio dos vários produtos oferecidos na forma de felicidade fácil, gerando consumismo e, o que está associado a ele, frustração, que gera, por si mesma, mais consumo; sem falar da enorme crise ecológica originária desse processo compulsivo de consumo a qualquer custo.

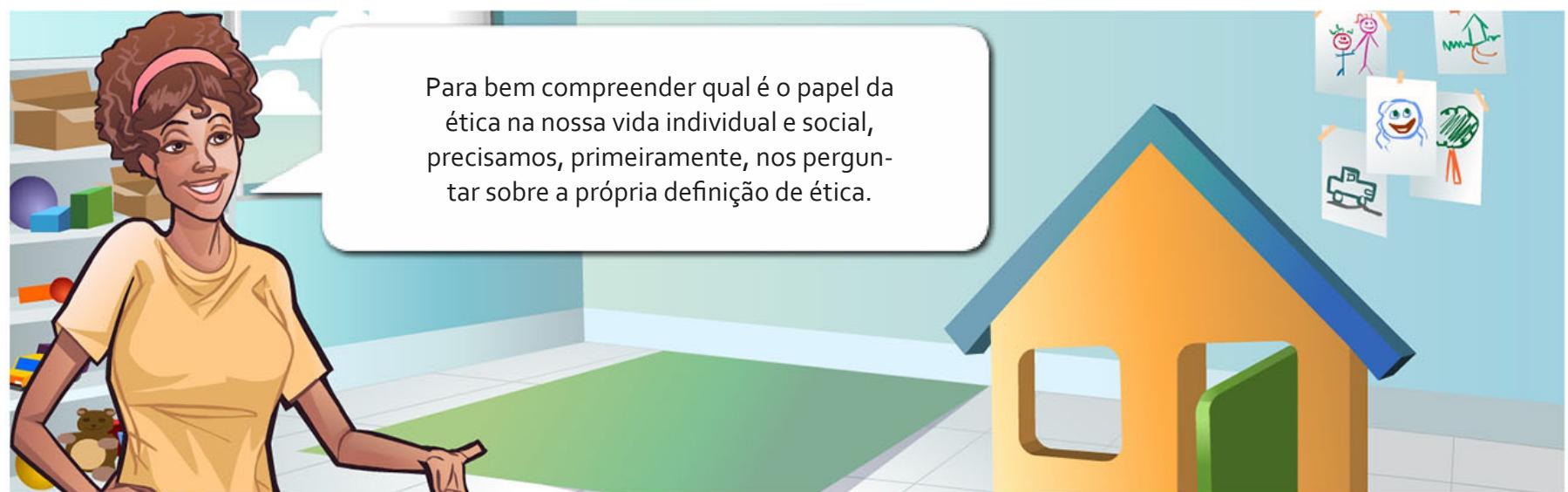


O que se depreende de tudo o que foi dito é que a ética tem um papel renovado na nossa cultura: revisar as bases sobre as quais foi forjada.

É preciso, como nunca, levar uma vida filosófica e eticamente orientada. Só assim enfrentaremos a enorme e perigosa crise civilizacional na qual estamos inseridos.

# DEFINIÇÃO DE ÉTICA

## Definição de Ética



Para isso, é muito importante começar estabelecendo as diferenças entre ética e moral, usadas corriqueiramente como se fossem sinônimas, mas que, no campo filosófico, mantêm características bem diferentes. Essa ambiguidade se revela em expressões como “uma pessoa antiética”, “o código de ética da empresa” ou ainda “o comportamento ético de uma pessoa”. Fala-se também da ética como se fosse a solução de muitos problemas sociais: quando há corrupção na política, é por falta de ética; quando há crise no ideal de família, é porque a ética não foi levada em conta; quando a juventude se mostra indiferente ou mesmo contrária aos valores sociais vigentes, é porque ela não se importa mais com a ética. Além disso, muitas vezes ouvimos nas rodas de amigos algo do tipo “deixa de ser imoral” ou mesmo “que imoralidade!”. Essas expressões remetem geralmente a algo ligado à sexualidade, ao que deixa transparecer o que há de sensual como algo proibido. Veremos que o corpo foi o que mais sofreu coação na história da ética ocidental, a tal ponto que, num certo sentido, poderíamos definir a história da ética como uma história de perseguição ao corpo (entendendo aqui corpo como o lugar dos instintos, impulsos, sentimentos e desejos). Mais recentemente, no campo da ecologia, também ouvimos falar muito na ética ambiental.

A letra de uma canção do grupo Jota Quest, composta por Liminha e Ronaldo Viana, traz uma versão atualizada do que seria a moral ou, nas palavras da música, “viver na moral”. Diz a letra:

Vivendo de folia e caos  
Quebrando tudo, pra variar  
Vivendo entre o sim e o não  
Levando tudo na moral  
Uma manchete de jornal  
Não vou deixar, me abalar  
Mais uma noite,  
carnaval, no Brasil, só na  
moral.

É curioso como, nessa letra, a expressão ‘na moral’ ganha o sentido de “na boa”, ou seja, que está tudo certo, que eu quero viver de forma legal, sendo “legal” outra palavra interessante, porque remete ao que está dentro da lei. Levar a vida “na boa” é levar a vida “na curtição”, aproveitando e fazendo o que se quer. A interpretação dessa expressão, que é comum entre a juventude no Brasil, possibilita compreender como as ideias de moral e de ética aparecem confundidas e ganham contornos os mais diversos no seu uso corriqueiro. Tentemos, portanto, estabelecer algumas diferenças, não para impor uma mudança no uso que se faz das duas palavras, mas para, didaticamente, compreender a importância de pensar em termos éticos, afinal, talvez você não se tenha dado conta de que o nome deste texto e desta disciplina é Ética e não Moral.

Uma aula de ética não pretende “ditar”, “determinar” ou “impor” algo como certo e que deverá ser cumprido por todos. Também não se trata de uma lição de “etiqueta” ou de “convenções” que se pretende ensinar a seguir. O que se pretende com o seu estudo é despertar o pensamento crítico em relação aos

códigos, normas e padrões de comportamento definidos pela sociedade: quem definiu tal coisa como certa ou errada? Quando essas coisas nasceram? Com que interesse elas vieram à tona? Como decidir diante de uma situação moral? Quais consequências esse comportamento trará para as futuras gerações? Qual critério usar para encontrar o caminho certo ou quais são as consequências de um descumprimento da moralidade vigente? Como definir o que é bom para um indivíduo e concomitantemente para toda a sociedade? Estas são as perguntas que fazem da ética, como se pôde notar até aqui, uma reflexão sobre a moralidade, ou seja, a ética tem a moral como objeto de estudo e, por isso, seu segundo nome é **filosofia da moral**, o que explica por que é uma área de pesquisa da filosofia. Muitos autores, inclusive, a chamam de filosofia primeira, por acreditarem que as reflexões de Sócrates e Platão, na Grécia Clássica, tinham como objeto a ação humana dentro da **polis** e isso comprovaria como a filosofia praticada por eles, nesse primeiro momento da história da filosofia, seria já uma ética.



### Glossário

#### **Polis**

Cidade-Estado. Cidade independente cujo governo era exercido por cidadãos livres, na Antiguidade grega.

Aprofundando um pouco mais essa definição, podemos dizer que a palavra ‘ética’ deriva do grego *ethos* ou *ethikos*, enquanto a palavra ‘moral’ deriva do latim *mores* ou *moralis*. Ambas as definições remetem aos costumes e tradições de uma sociedade, os quais se revelam nos valores, nas religiosidades e nas mais variadas práticas sociais de um grupo. No caso grego, entretanto, a ética remete também ao **modo de ser** ou ao **caráter** adquirido por um indivíduo que vive sob determinadas regras sociais. Contudo, esse indivíduo não é visto nunca de forma isolada; por isso, a ética sempre pensa as **relações** que as pessoas estabelecem entre si para formar a sociedade.

Assim, a ética se apresenta como uma reflexão sobre as formas de convivência dentro da “casa humana”, que é, sobretudo, uma “casa comum”, em que a pessoa se descobre copartícipe, na qual vive com outros seres humanos e outros seres vivos. Analisamos, então, de que forma ela, de um lado, reflete sobre a própria essência humana, porque pensa o ethos como a origem da condição humana (o campo interior e intra-humano) e, de outro, ajuda o homem a refletir sobre o seu lugar na “casa comum” (**Gaia**) e as relações estabelecidas com todos os outros seres que também habitam e dependem desse lugar (o campo extra-humano).

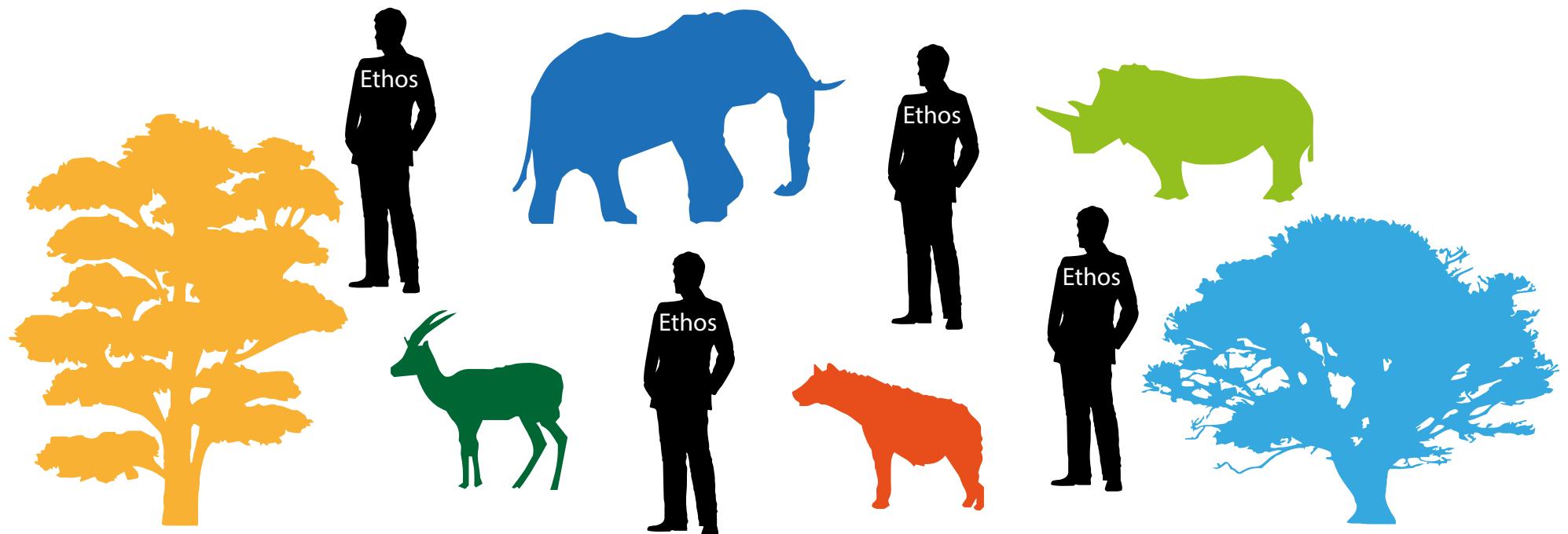


## Glossário

### Gaia

Deusa da Terra na mitologia grega. Segundo Hesíodo, uma das divindades genitoras, também chamada Gea. Gaia dá nome à “teoria de Gaia”, de James Lovelock, que afirma que a Terra é um sistema interagente.

# GAIA



Podemos nos lembrar das palavras do filósofo argentino Enrique Dussel (2002, p. 85), que afirma:

*O ethos é o ponto de partida para a compreensão do que funda o 'humanum', ou seja, ele é como que o alicerce que sustenta o humano como fonte burbulhante e dinâmica, não estática, o ethos está na origem das normas e da própria diversidade das culturas e religiões.*

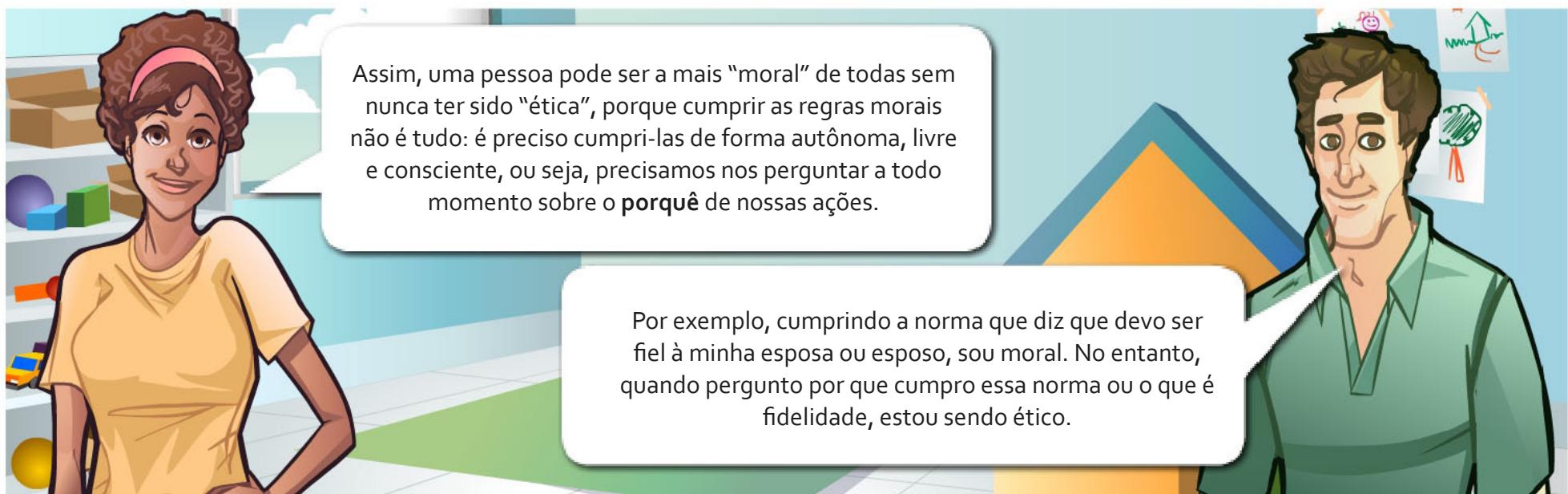
Como aquilo que “está na origem das normas”, a ética é o elemento que funda a moral, ou seja, é da reflexão sobre sua essência (identidade) e das relações estabelecidas com os demais seres que o ser humano retira as normas e padrões de comportamento que formam a chamada moralidade. Vemos, assim, como a reflexão ética engendra, concebe, questiona, mantém ou altera a moral. Isso porque a ética, como teoria, conhecimento ou ciência do comportamento moral, busca compreender, justificar ou criticar a moral da sociedade. Já a moral é o conjunto de normas, princípios, preceitos, costumes e valores que norteiam o comportamento do indivíduo no seu grupo social.



#### Lembre-se

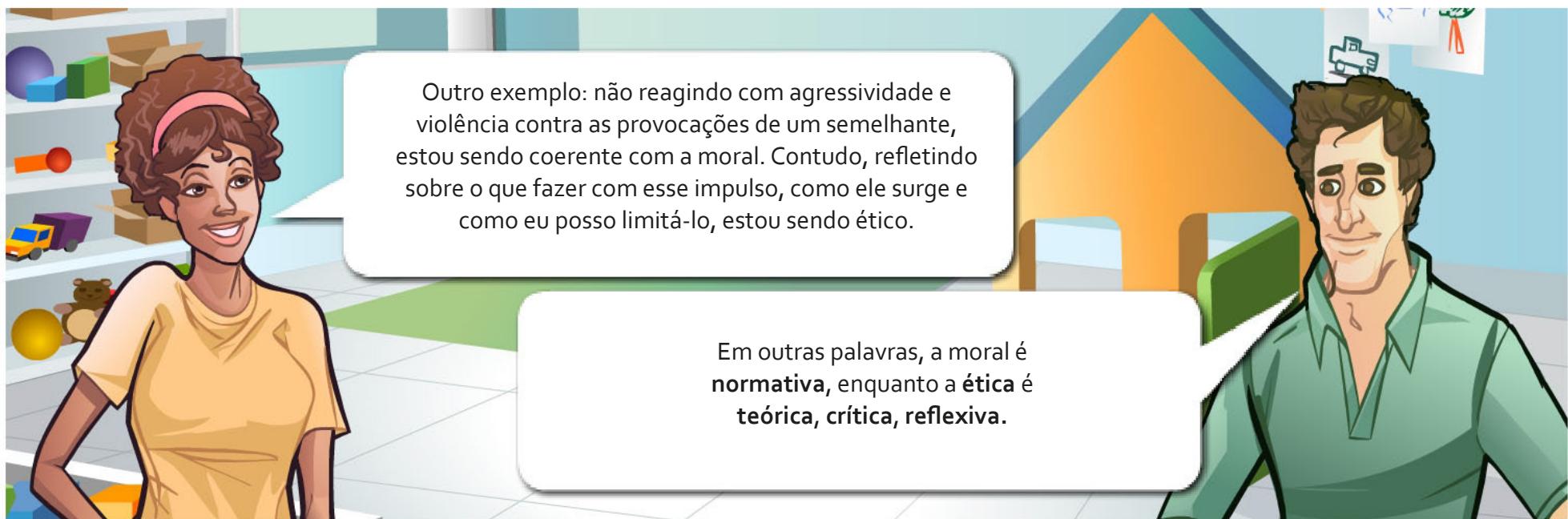
A ética, então, é uma atividade teórica a respeito do certo e do errado, enquanto a moral é uma atividade prática de cumprimento do certo e do errado.

A primeira questiona os **atos humanos**, ou seja, as práticas do sujeito ético (aquele que se deixa guiar pela racionalidade, liberdade e responsabilidade); isso significa que a ética pensa a partir de um ser humano que tem consciência de si mesmo, que não está alienado, destituído de si, privado por outros ou mesmo preso aos instintos e às paixões. Ela entende que a consciência é o caminho primeiro para a responsabilidade: quem não tem consciência de seus atos não pode ser responsabilizado, julgado e muito menos punido. Por sua vez, a moral vive essas práticas de forma concreta, como **fato moral**, ou seja, por meio das regras de comportamento, que são indispensáveis para que a sociedade viva como tal. Ela diz respeito ao cumprimento ou descumprimento dessas regras (o certo e o errado), o que pode provocar uma manifesta atitude de reprovação, gerando culpa, constrangimento, violência, castigo e outras formas de punição, geralmente simbólicas, impetradas contra o indivíduo que descumpre as normas sociais.



Assim, uma pessoa pode ser a mais “moral” de todas sem nunca ter sido “ética”, porque cumprir as regras morais não é tudo: é preciso cumpri-las de forma autônoma, livre e consciente, ou seja, precisamos nos perguntar a todo momento sobre o **porquê** de nossas ações.

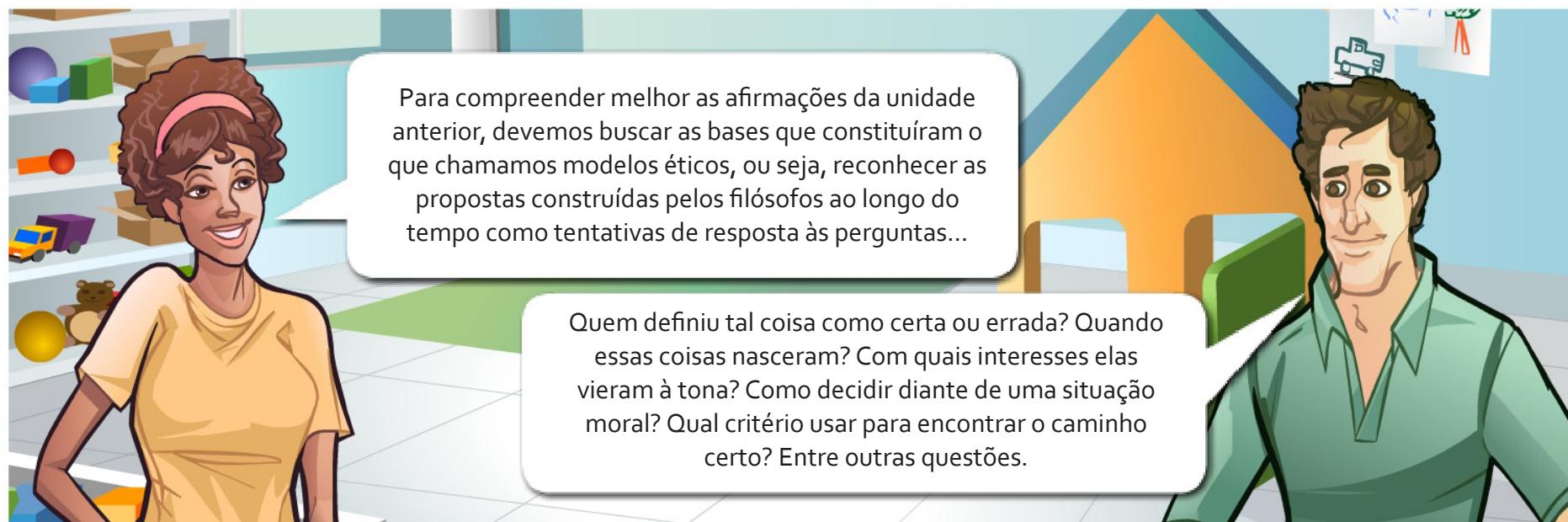
Por exemplo, cumprindo a norma que diz que devo ser fiel à minha esposa ou esposo, sou moral. No entanto, quando pergunto por que cumpro essa norma ou o que é fidelidade, estou sendo ético.



Outro exemplo: não reagindo com agressividade e violência contra as provocações de um semelhante, estou sendo coerente com a moral. Contudo, refletindo sobre o que fazer com esse impulso, como ele surge e como eu posso limitá-lo, estou sendo ético.

Em outras palavras, a moral é **normativa**, enquanto a **ética** é **teórica, crítica, reflexiva**.

## Os modelos éticos



A partir disso, podemos dizer que todas as “teses” construídas pelos filósofos buscam o melhor meio de o ser humano coexistir na **“casa comum”**, que está sempre ameaçada, seja pelos impulsos agressivos que ferem a convivência harmoniosa (a **violência**), seja pela destruição do lugar onde essa convivência acontece (o **problema ambiental**).

Veremos também que grande parte do pensamento ético esteve centrada no primeiro problema (campo intra-humano) e que, a partir do século XIX e principalmente do século XX, esse pensamento viu-se desafiado pela crise ambiental, que coloca em xeque a condição da convivência humana e evoca a necessidade de que a ética amplie seus horizontes para o campo da natureza (**extra-humano**).



### Glossário

#### Casa Comum

Em grego, **casa** se diz *oikos* (onde deriva, por exemplo, a palavra ‘economia’, que pensa as regras [*nomos*] da organização da casa). A expressão ‘casa comum’ se refere ao próprio planeta Terra, que é o lugar da habitação de todos os seres vivos em uma única comunidade.



### Glossário

#### Extra-Humano

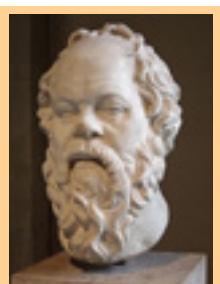
Corresponde ao campo das relações humanas, ou seja, aquele que inclui apenas o que é humano e exclui o que é natural ou pertencente à natureza.

## Ética das virtudes

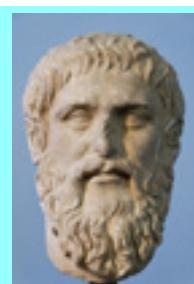
Sabemos como a herança grega é imprescindível para a compreensão daquilo que chamamos cultura ocidental. Podemos afirmar, nesse sentido, que o Ocidente não é nada mais do que a soma do legado de Atenas (e seu racionalismo socrático-platônico-aristotélico) e de Roma (por meio da religião cristã e da noção do direito). Assim, as bases do pensamento ético ocidental encontram-se na **razão** dos filósofos gregos e na **fé** dos filósofos cristãos.



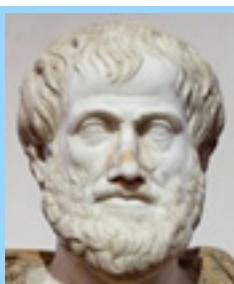
Templo de Hefesto – Grécia.  
(Foto: Sailko)



Rosto de Sócrates no Museu do Louvre. (Foto: Sting)



Rosto de Platão feito por Silanião.



Rosto de Aristóteles.



O Coliseu, em Roma.



Basílica de São Pedro, em Roma.



O Templo de Saturno, no Fórum Romano.

Pensemos, inicialmente, sobre a herança grega chamada ética das virtudes, que está baseada na reflexão sobre o caráter da pessoa e na melhor forma de seu agir.

Na ética das virtudes, a questão se apresenta da seguinte forma: como devo viver? Segundo essa ética, a resposta está no cultivo das virtudes; em outras palavras, quem quiser encontrar a melhor forma de viver deverá cultivar as virtudes. Ainda, ela está baseada na busca do “bem viver”, associado à ideia de felicidade (em grego, *eudaimonia*) e também à ideia de prosperidade. Contudo, essa prosperidade não está reduzida a momentos e situações, tampouco ao alcance de honras ou riquezas, mas se relaciona à conquista de uma vida venturosa, para a qual a prática constante das virtudes é indispensável.

Podemos afirmar que a pergunta sobre o sentido dos costumes funda a ética socrático-platônica, ou seja, toda a filosofia praticada por Sócrates e relatada por Platão estava baseada na pergunta dirigida aos atenienses de seu tempo a respeito do “valor de seus costumes” e das “disposições de caráter”, que possibilitavam o cumprimento ou mesmo a transgressão das normas estabelecidas pela *polis*. Portanto, a pergunta da ética era: por que você cumpre ou descumpre esses valores? Com isso, Sócrates fez nascer a ética na consciência do indivíduo, na sua capacidade de refletir sobre as normas que dirigem suas ações e o conduzem a uma vida feliz.



### Glossário

#### *Polis*

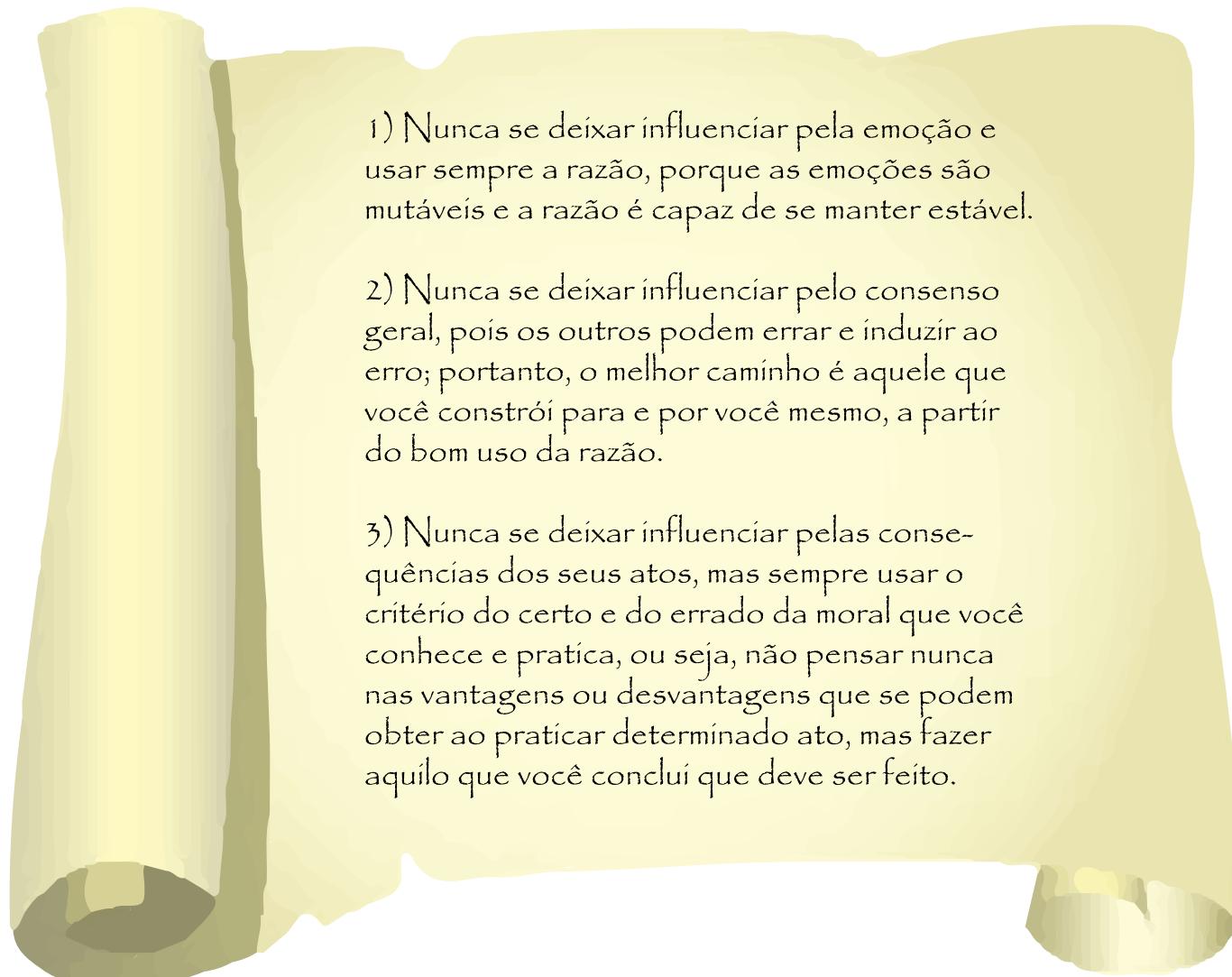
Palavra de origem grega que significa “cidade” e faz referência às cidades gregas (do período arcaico ao clássico); hoje, é utilizada para definir o modo de vida urbano. No âmbito da *polis*, dão-se tanto as regras e normas de comportamento (que chamamos ética) quanto os acordos e contratos sociais (que chamamos política).

Num diálogo de Platão, intitulado *Críton*, Sócrates apresenta sua reflexão a respeito de como lidar com situações morais, ou seja, as condições racionais que possibilitam uma tomada de decisão e encaminham a ação individual para o alcance do bem. Ao mesmo tempo, essa reflexão aponta para as principais bases daquilo que chamamos herança socrático-platônica, que deixou uma marca indelével em vários tratados de ética ao longo da história da filosofia: a crença absoluta na razão como caminho para alcançar o bem. Essa crença, aliás, é corrente até nossos dias e se revela nos momentos mais corriqueiros, como, por exemplo, no conselho de um amigo que diz ao outro: “Calma, esfria a cabeça, pense bem e você vai ver que...”. Esta frase revela a crença de que só ao agir racionalmente o homem pode alcançar o caminho correto, o caminho do bem.



### Leitura Complementar

Ficou interessado no diálogo de Críton? Então, acesse o *link* disponível no material complementar.

- 
- 1) Nunca se deixar influenciar pela emoção e usar sempre a razão, porque as emoções são mutáveis e a razão é capaz de se manter estável.
  - 2) Nunca se deixar influenciar pelo consenso geral, pois os outros podem errar e induzir ao erro; portanto, o melhor caminho é aquele que você constrói para e por você mesmo, a partir do bom uso da razão.
  - 3) Nunca se deixar influenciar pelas consequências dos seus atos, mas sempre usar o critério do certo e do errado da moral que você conhece e pratica, ou seja, não pensar nunca nas vantagens ou desvantagens que se podem obter ao praticar determinado ato, mas fazer aquilo que você conclui que deve ser feito.

A ética socrático-platônica está pautada, ainda, em três argumentos muito simples e concretos, que se caracterizam como uma reflexão de Platão a respeito da própria morte de Sócrates, que resolveu não fugir da condenação do Estado grego e acabou morrendo por se recusar a parar de fazer ética filosófica.

Para Sócrates chegar à conclusão de que não poderia fugir ou negar sua missão, o primeiro de seus argumentos foi que, para encontrar o caminho do bem, nunca se deve lesar ninguém, pois sua fuga significaria a transgressão da lei e isso lesaria o Estado; em outras palavras, nunca fazer mal aos outros é o princípio básico de qualquer ação correta. O segundo argumento foi sempre manter as promessas feitas, ou seja, nunca descumprir o que foi prometido, pois Sócrates vivia no Estado e havia aceitado suas regras. O terceiro argumento foi sempre obedecer aos pais e mestres, pois ele acreditava que o Estado era seu pai/mestre e, por isso, não poderia desrespeitá-lo. Vemos, dessa forma, como a ética socrático-platônica está baseada no bom uso da razão, que se revela em premissas e argumentos estabelecidos como método para o alcance do bem.



#### Leitura Complementar

Para aprofundar essa reflexão, sugerimos a obra *Ética*, de William K. Frankena.

FRANKENA, W. K. *Ética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1969.

Aristóteles, como se sabe, foi discípulo de Platão e escreveu algumas das obras mais importantes da ética ocidental, entre as quais se destaca *Ética a Nicômaco*, livro dividido em dez partes e provavelmente publicado por Nicômaco, seu filho, a quem a obra é dedicada. É bom destacar que aquilo que Aristóteles chamava ética não poderia ser separado daquilo que ele chamava política, compreendidos, ambos, como a “ciência do sumo bem”.



Partindo da afirmação metafísica de que todo ser caminha para a completa realização de sua natureza, Aristóteles afirma que a finalidade das ações do homem é sua realização plena, a qual chamamos prosperidade, entendida como a conquista do bem e da felicidade. Ora, somente pela razão, considerada base da natureza humana, o homem pode alcançar essa verdadeira felicidade, uma vez que ela guia a prática da virtude, fazendo da ação consciente em direção a essa virtude o critério para a vida feliz e a realização plena da natureza humana.

Na obra citada, o filósofo distingue as virtudes éticas e morais das virtudes intelectuais e teoréticas. As primeiras, além da razão, implicam algo de sentimental e afetivo, mas o sentimento deve ser submetido à rationalidade. Em outras palavras, a razão deve dominar as paixões sem destruí-las, sendo a virtude alcançada quando o homem consegue aplicar a rationalidade, ou seja, fazer dela um uso prático a serviço do alcance da felicidade.

É daí que deriva uma das ideias fundamentais da ética das virtudes: o justo meio, uma medida equilibrada entre duas posições extremas – nem razão demais, nem paixão extremada, a virtude se caracteriza como um equilíbrio entre a falta e o excesso.

### Exemplo

A coragem é uma virtude, porque sua falta é o medo e seu excesso, a temeridade, levando o homem a correr muitos riscos e perigos desnecessários. Então, nem medo nem coragem demais conduzem o homem à felicidade.

É justamente pela prática dos atos justos que se gera o homem justo, ou seja, o resultado da ação torna o homem justo ou injusto. Não basta saber o que é virtude, é preciso praticá-la e isso dá um tom prático à filosofia aristotélica. Entretanto, não podemos esquecer que nem todas as ações admitem esse equilíbrio, pois algumas são más em si mesmas e nelas não há como encontrar meio-termo ou retidão. É o caso da inveja, na qual seria absurdo encontrar qualquer tipo de equilíbrio virtuoso.

A virtude deve ser alcançada e adquirida sempre perante um hábito racional, que se apresenta como ação concreta e prática virtuosa. Para Aristóteles, as sabedorias prática e teórica são úteis ao homem por produzirem a felicidade (são virtudes); a sabedoria filosófica também produz felicidade pelo fato de estar contida na própria noção de virtude, já a sabedoria prática nos ajuda a escolher o melhor objetivo e os melhores meios para alcançá-lo. Por isso, nesse filósofo, a virtude não é somente uma sabedoria, mas uma forma prática de exercício do bem.

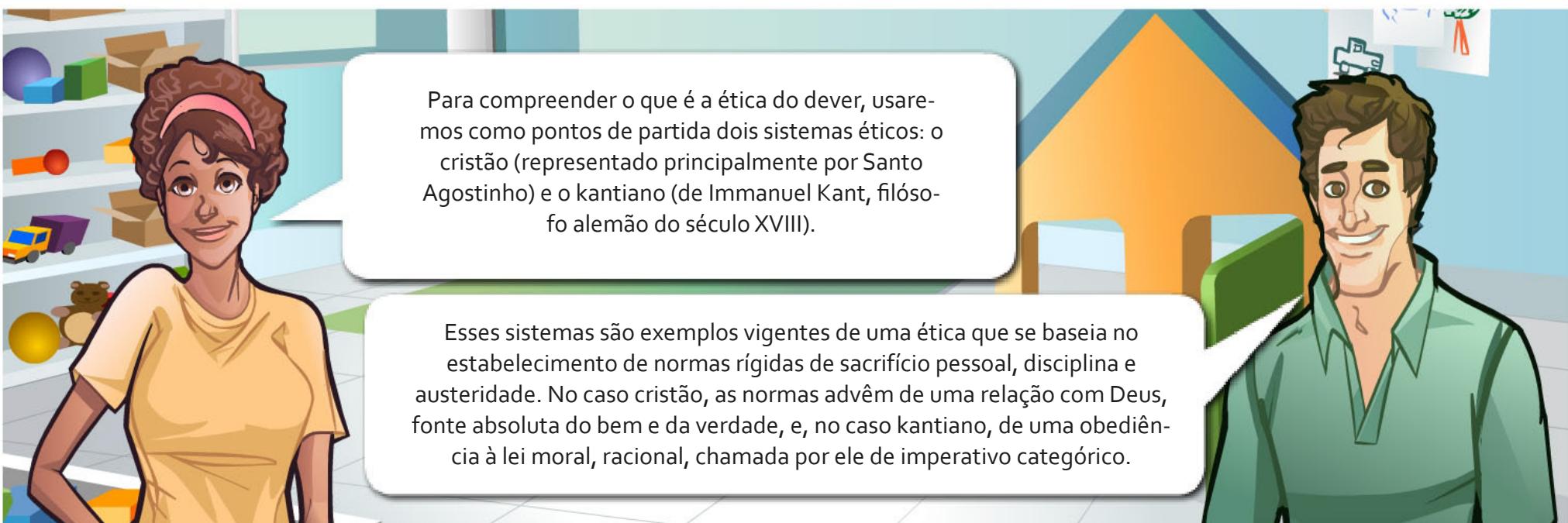
Nesse sentido, as virtudes prática e teórica são interdependentes, visto que a pergunta sobre a conduta e os objetivos da ação humana é indispensável para a conquista do bem. Só assim o homem pode alcançar a felicidade – fim último da Ética a Nicômaco –, refletindo e praticando a virtude na vida da polis.



**Saiba Mais**

Caso tenha interesse em saber mais sobre Ética a Nicômaco, acesse o link disponível no material complementar.

## Ética do dever



Primeiramente, devemos conhecer o processo de implantação do modelo ético-cristão.

O surgimento e a expansão da religião cristã podem ser definidos como um projeto civilizatório que se espalhou pelo Ocidente, principalmente a partir da declaração do Imperador Constantino, no século III, que estabeleceu o cristianismo como religião oficial do Império Romano em expansão. Com isso, surgiu, na história da filosofia e da ética, um novo elemento: o critério da fé.



---

Por motivações históricas, aquilo que chamamos ética cristã passou a ter influência decisiva sobre o mundo ocidental, estando suas bases numa reinterpretação daquilo que os gregos haviam conquistado em termos de reflexão ética e nos valores almejados e cultivados pela nova fé. Assim, a ética cristã nasceu do encontro das motivações religiosas com as formulações filosóficas pensadas e praticadas pelo mundo grego.

Um olhar rápido e panorâmico sobre essa relação nos ajuda a entender melhor como ela se deu: São Paulo, um dos maiores responsáveis pela consolidação do cristianismo, viajou várias vezes pela Grécia (comprova-se isso pelas suas cartas às comunidades gregas formadas por ele em Corinto, Éfeso, Tessalônica etc.). Além de suas viagens, é bom lembrar que, entre os principais nomes da ética e da filosofia cristã, estão Santo Agostinho, leitor de Platão, e São Tomás de Aquino, leitor de Aristóteles. Por sua importância, vamos nos ater inicialmente ao pensamento de Santo Agostinho, para entender a fundamentação da ética cristã e sua influência sobre o fazer ético

ocidental. Ainda que ele não tenha escrito uma obra específica sobre o assunto, vários de seus livros tratam de questões relacionadas à ética, com destaque para *Confissões* e *Cidade de Deus*.



O esquema geral da ética agostiniana parte da constatação da debilidade do homem para, sozinho, alcançar o bem, uma vez que sua vontade é pervertida e fraca, induzindo-o ao erro e ao pecado. Assim, o homem precisa necessariamente obedecer à vontade de Deus, sendo Ele o bem supremo e a bondade pura (note-se aqui a herança platônica das ideias perfeitas), sem o qual nenhum homem pode viver de forma justa e reta. Portanto, o homem deve ouvir e obedecer à palavra de Deus, preenchendo sua fraqueza com a força que vem do divino e possibilita o alcance da bem-aventurança ou beatitude – palavra usada pelo filósofo para exprimir a ideia de felicidade. A própria filosofia agostiniana não é mais do que uma pergunta sobre a condição humana no caminho para a felicidade, ou seja, uma busca pelo estado de beatitude que nasce do alcance da verdade revelada por Deus ao homem, caminho para o bem supremo. Assim, a razão não tem outra função senão conduzir o homem pelos caminhos da verdade, associada por Agostinho ao bem e, por isso mesmo, à felicidade.

Segundo o filósofo, por ser fraco, o homem não tem outra saída senão obedecer aos preceitos divinos. Deus, entretanto, por

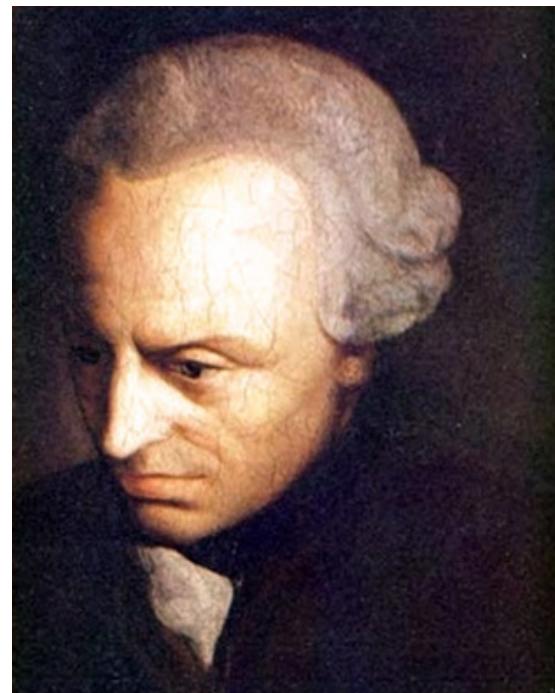
meio do dom da Sua graça, ilumina o caminho do homem em direção ao bem. A memória, a inteligência e a vontade deste representam sua semelhança com o Criador, mas é pela vontade, criadora e livre, que ele pode se afastar de Deus, que é o Ser Supremo, em direção ao mal, que é a ausência de ser, o “não ser”. Isso porque, para o Agostinho, o mal não existe em si, mas é uma derivação do livre-arbítrio, ou seja, da escolha errada feita pelo homem, a qual o distancia de Deus e o aproxima do pecado.



Em vez de submeter o corpo à alma, como seria correto para o alcance da beatitude, o homem deixa a alma se submeter ao corpo, voltando-se para a matéria, para as honras e riquezas terrestres. Só pela graça de Deus, portanto, o homem pode ser reconduzido ao caminho da moralidade, porque, sozinho, ele se aprofunda cada vez mais em si mesmo e no seu pecado. Dessa forma, crer em Deus e obedecer aos seus desígnios passam a ser critérios para o alcance do bem; não à toa, a fé passa a ser a virtude primordial, uma vez que acreditar em Deus é a condição para Sua revelação. A virtude é o resultado dessa ação guiada pelo amor a Deus e, consequentemente, pelo amor ao próximo – quem ama somente as criaturas e não o divino em si, reconhecido por Agostinho, na esteira platônica, como o Ser Supremo, incorre no pecado da idolatria. Por isso, o caminho do bem passa pela fé e pelo amor a Deus, bem como pelo uso equilibrado e medido dos bens materiais.



Outra perspectiva de ética do dever foi esboçada pelos filósofos modernos, fazendo ver que a obediência à lei moral não é uma obediência a uma instância exterior ao homem (no caso do cristianismo, representada pela ideia de Deus), mas a obediência a si mesmo. Esta é a tese de Immanuel Kant, para quem a razão tem, além de uma dimensão teórica, uma dimensão prática, na qual está a ética. Suas obras mais importantes sobre esse assunto são *Fundamentação da metafísica dos costumes* (escrita em 1785) e *Crítica da razão prática* (publicada em 1788).



---

Kant destaca a importância de formular uma ética que esteja totalmente desligada do mundo empírico, ou seja, a moralidade, para ele, está alheia a todos os instintos e impulsos do corpo e erguida sobre os patamares da razão, postulada como precedida pela liberdade. Nesse sentido, distingue o reino da liberdade (no qual está a moral) do reino da necessidade (que é o reino da natureza). No reino da natureza, tudo é necessário, ou seja, não há escolhas; já no reino da liberdade, tudo é escolha e, por isso, é nele que reside a ética.

Segundo o filósofo, a lei moral provém da liberdade do indivíduo, que impõe sobre si mesmo a moral, por meio da razão. Portanto, o homem cria para si a moralidade por meio de um gesto de plena liberdade, enquanto as máximas morais (que são subjetivas) servem apenas para a ação individual. Por sua vez, afirma que as leis morais (que são objetivas) servem para a ação de qualquer ser racional. Ademais, as leis práticas são sempre formais, ou seja, determinadas de forma objetiva e independente do lado empírico de cada sujeito. Isso significa que a plena liberdade só pode acontecer no cumprimento da

formalidade moral; em outras palavras, somos realmente livres não quando obedecemos aos nossos impulsos empíricos e sensíveis (presentes no corpo, que é o nosso campo de natureza), mas quando seguimos a norma estabelecida pela razão como mandamento supremo. A esse mandamento, Kant chama “imperativo categórico”, que é formulado da seguinte maneira: “Age de tal forma que o motivo que te levou a agir possa ser convertido em lei universal”. A autonomia da vontade está ligada, assim, ao exercício moral, independentemente das questões empíricas, sensíveis ou subjetivas.

Em suma, o alcance da moralidade está no cumprimento da lei moral, criada pelo sujeito transcendental como legislação universal (válida para todos, em todos os tempos). Vemos, assim, como a ética do dever kantiana está baseada no cumprimento, na obediência ao princípio universal da moral, criada não de forma exterior ao sujeito, mas por ele mesmo, por meio da liberdade da razão que impõe a lei sobre si. Quem criou a lei? O homem! Então, obedecê-la é o caminho para o verdadeiro exercício da liberdade.

# PROBLEMAS ÉTICOS CONTEMPORÂNEOS

## Introdução



Olá! Nesta unidade, vamos falar sobre os problemas que enfrentamos com a crise ambiental. Muitas vezes, nossos limites de percepção e os interesses que entram em jogo nesses momentos não nos deixam compreender a gravidade da situação. Por tudo isso, a ética aparece mais uma vez como uma possibilidade de questionarmos essa realidade e, quiçá, encontrarmos alguma saída para os atuais problemas. Nesse caso, vale a máxima: “ou nos salvamos juntos ou pereceremos isolados”.

## A crise ambiental



Em termos éticos, a humanidade nunca esteve, como hoje, numa crise tão grave de futuro e de sentido para a existência. Essa afirmação, ainda que seja exagerada, se revela nas crescentes notícias de catástrofes naturais, hecatombes que afigem comunidades inteiras e se espalham pelo mundo. **Vulcões** que “renascem”, **furanças** em vários lugares do mundo, **terremotos**, **tsunamis**, **secas** e **enchentes**, todos esses eventos representam o grito da natureza em relação aos efeitos da desastrosa presença humana no planeta Terra.



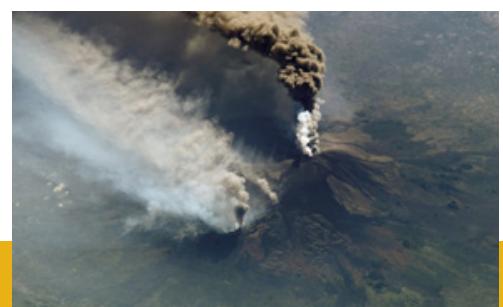
Tornado em Stoughton – Wisconsin – Estados Unidos (agosto/2005)



Inundação na cidade de Alicante – Espanha (setembro/1997)



Furação Katrina em Long Beach – Mississippi – Estados Unidos (setembro/2005)



Erupção no Monte Etna (vista do espaço) – Sicília – Itália



Desertificação no antigo Mar de Aral – Aral – Cazaquistão (2003)



Terremoto no Haiti (janeiro/2010)



Tsunami na ilha de Sumatra – Indonésia (dezembro/ 2004)

Entre as vozes mais persuasivas sobre o assunto, está a do filósofo alemão Hans Jonas, autor de um dos mais importantes tratados de ética contemporânea, publicado ainda na década de 1970, quando a crise ambiental ainda estava no patamar dos riscos e dos indícios. Seu livro, *O princípio responsabilidade: ensaios de uma ética para a civilização tecnológica*, chama atenção pela erudição e pela polêmica que desperta. Jonas (2006) parte de uma crítica às morais anteriores, principalmente a kantiana, por acreditar que elas são insuficientes para enfrentar os avanços da tecnologia, uma vez que se limitam ao âmbito espacial das relações intra-humanas e ao âmbito temporal do presente. Essas éticas, afirma ele, estavam pautadas na crença de que a natureza seria um campo eticamente neutro, porque, de tão grande, jamais seria atingida pela ação humana. A natureza, como algo supostamente inerte, seria também incólume e nunca subjugada pela força humana.



#### Leitura Complementar

Caso queira conhecer mais sobre o filósofo alemão Hans Jonas, leia o livro indicado no material de apoio do ambiente virtual de aprendizagem.

Esta foi a mudança básica desencadeada pela civilização tecnológica: ela deu ao ser humano um poder nunca antes imaginado, uma imensa força que se iguala, muitas vezes, à da natureza. Com o poder da tecnologia, todas as ações humanas passaram a influenciar a natureza de uma forma nunca antes vista. Basta medirmos os efeitos dos meios de transporte, das usinas de geração de energia, da eletricidade, dos computadores, das viagens espaciais, das instalações que perfuram terras e mares, dos maquinários pesados indo e vindo sobre a superfície da Terra, dos transgênicos e das ciências da vida, que fazem do ser humano um objeto da tecnologia que ele mesmo criou. Essa força imensa deixou rastros de destruição que a natureza não foi capaz de digerir, ao contrário do que se supunha. O mais grave é que, quando a humanidade deu-se conta disso, os efeitos já tinham se tornado catástrofes irreparáveis, ameaçando a integridade da vida no planeta. Ora, não há futuro da humanidade sem se pensar no futuro da natureza; esta é a tese central da ética da responsabilidade, que se volta contra certo antropocentrismo reducionista que sempre colocou as necessidades humanas acima de tudo e considerou todos os outros seres vivos e recursos naturais instrumentos a serviço dos prazeres egoístas da espécie humana.

A tecnologia, representante da racionalidade que transforma o

homem em um “ser que faz”, ou seja, em um *Homo faber*, trouxe inúmeros prejuízos para o próprio homem e passou a representar um risco para seu próprio desaparecimento. A ênfase racionalista, que se considerava absoluta e provocou um entusiasmo ingênuo entre os cientistas, na verdade, estava desatenta às consequências éticas de sua ascensão no cenário humano. Sustentada por essa ingenuidade que acreditava na invulnerabilidade da natureza, a cidade humana ergueu-se alheia e contrária às leis naturais, fazendo o homem acreditar que seu futuro estava assegurado pela própria posse dessa racionalidade.

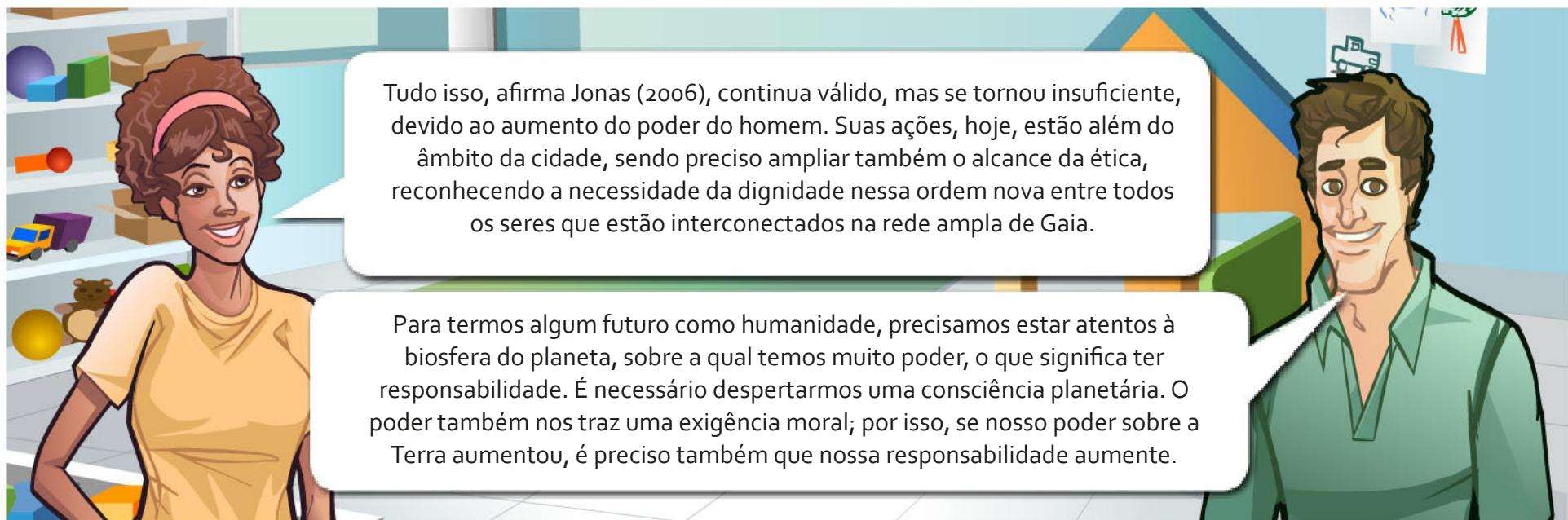


#### Glossário

##### *Homo faber*

O homem artífice. Locução empregada por Henri Bergson para designar o homem primitivo ante a necessidade de forjar ele próprio os utensílios indispensáveis à manutenção da vida.

Por isso, todas as éticas se limitaram ao âmbito da cidade, ou seja, ao âmbito das relações intra-humanas, de forma individualista, advertindo os indivíduos a respeito dos comportamentos em relação ao “próximo”, prescrevendo justiça, amizade, fidelidade, amor, misericórdia, compaixão, honradez etc.



A ciência moderna, em seu afã de dominar todos os âmbitos da realidade, despiu a natureza de dignidade e sacralidade. Trata-se, assim, de reconhecer um novo papel para a moralidade, buscando o bem não só para o ser humano, mas para todo o âmbito da natureza. Nesse contexto, a ética da responsabilidade é um grande convite ao exercício do poder como cuidado. É preciso, diz Jonas (2006), que o ser humano exerça esse poder de forma responsável. Por isso, o filósofo formula um imperativo ético que dá conta da nova conjuntura de poder, um imperativo adequado ao novo agir humano e à sua dimensão de força:

*Aja de modo a que os efeitos da tua ação não sejam destrutivos para a possibilidade futura de uma tal vida. (JONAS, 2006, p. 47).*

Em outras palavras:

*Não ponha em perigo as condições necessárias para a conservação indefinida da humanidade sobre a Terra. (JONAS, 2006, p. 47).*

Ou ainda:

*Inclua na tua escolha presente a futura integridade do homem como um dos objetos do teu querer. (JONAS, 2006, p. 47).*

Portanto, um dever para o futuro e para além do âmbito humano. Estas são as duas bases primordiais da nova ética da responsabilidade proposta pelo autor, a qual surge justamente porque o exercício do poder técnico pelo homem tem perturbado o equilíbrio simbiótico e criado formas de vida artificiais, meros artefatos que induzem ao perigo da crença na independência do ser humano em relação à natureza.

Aristóteles jamais poderia supor, segundo Jonas (2006), que sua **ética teleológica** de totalidade da natureza, alcançada pelo uso da razão como meio para chegar à felicidade, teria consequências tão catastróficas. O intelecto emancipado se confrontou com a ação humana desmedida e com a soberba frente à natureza; ademais, o êxito excessivo da civilização técnico-industrial, baseada no avanço das ciências naturais e exatas – aquilo que o filósofo chama “programa baconiano” –, principalmente no século XVII, levou à possibilidade de desaparecimento do homem, além de todas as espécies por ele ameaçadas de extinção.

A compulsão pelo poder exercido de forma contrária à natureza deveria, assim, ser repensada e questionada, para que o homem se responsabilizasse por seus efeitos. O que ocorre, entretanto, é que todos querem colher os benefícios da sociedade tecnológica, mas não querem partilhar os prejuízos e as consequências maléficas, que afetam e trazem prejuízos principalmente às populações mais pobres do planeta.

Nesse contexto, Jonas (2006) volta a pensar sobre a ética em sua estreita relação com a política, pois, para ele, esta não é uma questão apenas individual, mas precisa ser projetada como problema político. Isso porque as soluções dependem da possibilidade política de um “progresso ético” que abranja ações de governo e dever de toda a sociedade. Por isso, essa ética também passa por uma superação dos efeitos desmoralizantes do Estado moderno, corrompido pela descrença dos cidadãos, bem como pelo processo de apoderamento dos líderes empresariais da sociedade de mercado (projeto neoliberal), que exercem, muitas vezes, mais poder sobre o Estado e a sociedade do que os governos locais. Como se sabe, a intenção desses setores



## Glossário

### Ética teleológica

É a ética que visa a um fim, visto que telos, em grego, significa finalidade ou meta.

não é outra senão o lucro; por isso, podemos concluir que a ética da responsabilidade passa pelo exercício individual do poder como cuidado, como também pela redefinição desse poder no âmbito do Estado e das empresas.

Ou essa ética da responsabilidade se instala ou a humanidade continuará com o projeto de civilização em vigor, já amplamente desacreditado, considerando as inúmeras catástrofes sociais e ambientais que vem provocando. Não é possível saber se a humanidade vai mesmo desaparecer, como profetizam alguns cientistas, mas o tipo de humanidade que estamos construindo precisa, necessariamente, desaparecer, não há dúvidas. A interrogação é se conseguiremos sobreviver, se somos capazes e se queremos sobreviver longe dessa exasperada sociedade de consumo, de mercantilização dos bens naturais, de fabricação de seres humanos em laboratório, de pretenso conforto e segurança. Seremos capazes de viver longe dessas mentiras?

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **O livre arbítrio**. Tradução de Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 1995. (Coleção Patrística).
- \_\_\_\_\_. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. **A cidade de Deus**. 2. ed. Porto: Calouste Gulbenkian, 2000. (Coleção Textos Clássicos).
- CAPRA, F. **A teia da vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2004.
- CHAUI, M. **Convite à filosofia**. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- DERRIDA, J. **A escritura e a diferença**. Tradução de Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Coleção Debates, 49).
- DESCARTES, R. **Discurso do método**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979a. (Coleção Os Pensadores).
- \_\_\_\_\_. **Meditações metafísicas**. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979b. (Coleção Os Pensadores).
- DUSSEL, E. **Ética da liberação**: na idade da globalização e da exclusão. Tradução de Ephraim Ferreira Alves, Jaime A. Clasen e Lúcia M. E. Orth. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- JONAS, H. **O princípio vida**: fundamentos para uma biologia filosófica. Petrópolis: Vozes, 2004.
- \_\_\_\_\_. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. Tradução de Valerio Rohden e Udo B. Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores).
- LOVELOCK, J. **As eras de Gaia**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- \_\_\_\_\_. **A vingança de Gaia**. Tradução de Ivo Korytowski. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.
- LYOTARD, J. F. **A condição pós-moderna**. Tradução de Ricardo Correia Barbosa. 5. ed. São Paulo: José Olympio, 1998.
- NIETZSCHE, F. W. **Obras incompletas**. Tradução de Rubens R. Torres Filho. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores).
- OLIVEIRA, J. **Sabedoria prática**. Curitiba: Champagnat, 2012. (Coleção Sabedoria Prática, 1).
- \_\_\_\_\_. **Filosofia da viagem**. Curitiba: Champagnat, 2013. (Coleção Sabedoria Prática, 2).
- OLIVEIRA, J.; BORGES, W. **A ética de Gaia**: ensaios de ética socioambiental. São Paulo: Paulus, 2008.
- PEGORARO, O. **Ética dos maiores mestres através da história**. São Paulo: Vozes, 2006.



## REALIZAÇÃO



## APOIO

